

# TERESA RITA LOPES

Os velhos tinham um papel no seio da família e da sociedade. Eram ouvidos. Agora são apenas tolerados, quando são. E porque ninguém os quer ouvir, a maior parte deles deixa de ter que dizer. (...) Adoraria enganar-me, porém acho que a humanidade há de sucumbir à cegueira das crenças e à voracidade de poder. A tábua de salvação poderia ser a escola, mas laica. (...) Sinto-me feliz no mar, onde se tem um sentimento de plenitude. O amor é também isso, perder os limites do nosso corpo. Continuo a ter uma fome específica de amor. Se um dia perder a fome de escrever vou sentir-me muito doente ou estarei morta.

## **Tenta com a poesia atravessar os silêncios do mundo?**

Não sei o que tento com a poesia. Sei que a poesia é uma coisa que faço desde que comecei a escrever; como as pessoas que aprendem a rezar e ficam a rezar pela vida fora.

### **Poema, a sua forma de rezar?**

Uma forma de recolhimento, a expressão mais profunda que posso ter.

### **Chegou a ter um deus e zangou-se?**

Tive uma educação religiosa mas sou pagã, panteísta. Os meus momentos de plenitude são os de ligação à natureza. Se me disser que essa natureza é deus, posso aceitar. Acredito que, se as pessoas, nomeadamente por meio da arte, comunicassem com a espiritualidade que há na natureza, não necessitariam de procurar alienações.

### **Perdeu a fé?**

Tive-a e perdi-a, sem dramas. Mas estar profundamente consigo mesmo e comunicar com o que se pode chamar cosmos, julgo ser uma atitude de religiosidade.

### **Cosmos onde sua mãe continua a ser uma força tutelar?**

A morte de minha mãe acentuou essa religiosidade do ser. Levou-me a pensar que as pessoas não começam quando nascem e não acabam quando morrem. Há qualquer coisa que fica de nós como um eco.

### **Perda pode ser a ausência que torna tudo mais presente?**

É verdade. Por vezes, as pessoas tornam-se mais presentes quando desaparecem da nossa vida. Quando são óbvias, a gente não as vê, porque não há a distância suficiente para as ver de longe.

### **Poesia, a palavra que desoculta?**

Procura ir para lá do óbvio. Para mim, que não sinto necessidade de ter religião, a poesia é a minha religião, a minha procura de outra dimensão. Todos temos a sensação de que não morremos, embora

saibamos que um dia desapareceremos; mas todo o ser, nos seus momentos de plenitude, sente que não morre.

### **Felicidade é essa plenitude?**

A felicidade acaba por ser a perda de limite. Sinto-me feliz no mar, onde se tem um sentimento de plenitude, o não haver princípio nem fim. O amor é também isso, perder os limites do nosso corpo.

### **Não tem limites na inspiração literária?**

Escrever poesia, teatro ou ensaio é tudo da mesma família. É a minha fome e alimento-me dessa fome. Se um dia perder a fome de escrever vou sentir-me muito doente ou estarei morta.

### **Conflitos de culturas e de religiões podem comprometer, irremediavelmente, a liberdade e o progresso de todos os povos?**

Adoraria enganar-me, todavia acho que a humanidade há de sucumbir à cegueira das crenças e à sua voracidade de poder (que inclui o do lucro, não esquecendo que, a nível dos senhores do mundo, o lucro que visam já não é para comprar coisas mas poder). No mundo ocidental, a Inquisição não mais seria possível, mas noutras partes do mundo continuam a cometer-se, em nome da fé, crimes se possível mais hediondos.

### **Que tábua de salvação viria ainda a tempo?**

Lanço outra interrogação e procurarei dar a resposta: que vacina livrou a velha Europa desses crimes, dessas práticas – tal como da varíola e de outras calamidades? A da educação, a da cultura. A tábua de salvação da humanidade poderia ser a escola, mas laica (independente das crenças que cada um tivesse). As crenças são um mal menor; a crença, quando única, é que cega e mata.

## **Globalização robotizará ou matará de vez as culturas da humanidade?**

Se globalizar for comunicar o que cada um tem de próprio, não. A "aldeia global" seria um paraíso se cada um se mantivesse, de facto, "aldeão": isto é, firme nas suas raízes, cōnscio da individualidade do ser, único e irrepetível. Se possuir este conhecimento de si que, nas nossas sociedades robotizadoras, só a educação e a cultura asseguram, com quanto mais gente conviver, melhor. Quem tem essas vacinas está protegido da implacável epidemia da robotização.

## **Deverá a instituição escolar reclamar a urgência de novo encontro com a "literatura de ideias", de modo a que se problematizem saberes e pensamentos, no sentido de se abrirem novos e plurais caminhos, como defende Nietzsche?**

Sem dúvida. Mas o ensino das matérias que parecem não ter utilidade imediata, tende a ser reduzido e marginalizado. A Filosofia, por exemplo, tem sido alvo de repetidos ataques.

## **Agustina diz que não há pensamento na poesia. Concorda?**

A poesia vive do jogo lúdico, do corpo fónico das palavras, do significante. Nunca me alistei em correntes estéticas; como professora estudo-as e ensino-as mas considero não haver definições de poesia. Nos anos sessenta defendia-se o princípio de que a poesia não podia narrar. Hoje, a tendência é para que a poesia conte coisas e se aproxime do quotidiano.

## **Nobel da Literatura distinguiu José Saramago, romancista por excelência. A poesia portuguesa não será merecedora dessa honraria?**

Sou contra a fronteira vigiada entre poesia e prosa. É-se poeta por pensamentos, palavras e obras (como dizem que se peca). Mal do prosador que não é poeta, neste sentido. O próprio caso de Agustina,

que desfaz na poesia, dizendo não ter pensamento, (olha Pessoa!):  
que seria a sua prosa sem a poesia que a habita?

### **Tem uma arte poética atenta ao quotidiano...**

Quando remexo nos meus caixotes reparo que a minha poesia é hoje parecida com a dos meus 16 anos. Muito diarística, fez sempre as vezes de um diário.

### **Um diário também de ruturas?**

Tenho feito ruturas por haver uma coerência em mim. Não existem ruturas em relação a mim própria. Tenho a sorte de me dar bem comigo mesma.

### **Costuma dizer "nem maridos nem partidos"...**

Tem que ver com o tal alguém que, quando se encontra e se possui, torna-se ninguém. Porque uma coisa é o casamento, outra coisa é o amor.

### **Não pode haver partilha e amor no casamento?**

Pode e nem estou a dizer que as pessoas não devem casar-se, só que no casamento a relação passional é devastadora. Em geral, as pessoas casam-se para possuírem coisas juntas.

### **O primeiro passo que nos leva ao casamento não será a atração?**

Basta acasalar. Tenho admiração pelas mulheres com a coragem de serem mães solteiras.

### **E pelos pais solteiros?**

Se existirem, tiro-lhes igualmente o meu chapéu, ou melhor, a minha boina!

### **A boina que gosta de usar é um elemento de sedução ou de irreverência?**

Ficou-me esse hábito dos invernos parisienses do meu exílio... Há tempos, um dos meus editores de lá, ao ver-me chegar de boina, comentou: «Se um dia a Teresa nos aparecer sem boina ficamos preocupados...» Acho que a uso, de facto, para me proteger do frio ou da chuva mas se isso lhe parece “um elemento de sedução ou irreverência” nunca mais a largo...

### **Para um desenvolvimento equilibrado, a criança não precisa dos modelos do pai e da mãe?**

Vivendo a criança em lares conflituosos, os modelos são negativos e só a prejudicam.

### **Violência doméstica não tem os dois sexos?**

Em geral, é o mais forte que bate no mais fraco. Mas se elas conseguirem defender-se... que as mãos nunca lhes doam!

### **Em termos de força psicológica, a mulher não é dominadora?**

A esse nível, eles perdem sempre o pé... E, como não aguentam perder, agridem.

### **Tende a perversidade a apagar o encanto da sexualidade?**

O que é afinal a perversidade? Gostar de fazer sofrer? Se é isso, não tenho a experiência direta da perversidade. Odeio fazer sofrer e, se achar que alguém o está a querer fazer comigo, ponho-o ou ponho-me a milhas!

### **Zangada com o amor e desencantada com o mundo?**

Não. Na guerra criou-se uma expressão que dizia tudo: “fome específica de pão”. E os homens continuam a ter uma fome específica de amor. Há hoje, todavia, muitos sucedâneos que a sociedade

oferece para matar essa fome, mas a verdade é que não matam a grande fome de amor. Ainda bem que subsiste porque nos orienta na busca. Continuo a sentir essa fome específica de amor e acredito nela.

### **Que sentido faz a busca num tempo em que o ter mata o ser?**

Tudo na sociedade atual está orientado para o ter, para a sociedade do lucro, e esquecemo-nos que, de certa forma, ter é perder.

### **Quantas famílias poderão viver sem a angústia da falta de dinheiro para bens essenciais?**

Percebo que a vida das pessoas seja dominada por tal angústia. Não foi por acaso que gente da minha geração viveu, como eu vivi, a utopia comunista, desejando que essas necessidades básicas fossem satisfeitas sem as pessoas estarem em constante angústia, as pessoas de todas as idades.

### **Poetas são pessoas de grandes causas. Erguem a voz contra a guerra, por exemplo. Não seria desejável, também, um forte movimento de poetas contra o flagelo e os tentáculos da droga?**

*Poetar contra* deve ter sempre uma eficácia muito limitada. Poesia é um alimento. Os poetas têm-se esfalfado a dizer, de diferentes maneiras, que as pessoas andam subalimentadas de poesia e sonho. Talvez que, se cevassem na poesia essa tal “fome específica” que dela têm, precisassem menos dos sucedâneos que as drogas sempre são (não esquecendo que a poesia se pratica por pensamentos, palavras e obras!).

### **Como vê a edição de *Século de Ouro - Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX* ?**

Folheei. Discordo do critério seguido. Cada colaborador convidado pôs na mesa os seus autores preferidos. E isso deu falhas como Miguel Torga, Manuel Alegre, Afonso Duarte, Alberto Caeiro... É um "Século de Ouro" com pés de barro...

### **Não há obras perfeitas...**

Mas umas esforçam-se mais por isso do que outras.

### **Nos últimos tempos, as antologias conquistaram um espaço editorial surpreendente. A par de uma possível eficácia comercial, terão equivalente utilidade cultural?**

O critério é, de facto, o da "eficácia comercial": trata-se um livro como um produto, neste caso, uma caixa de bolachas – sortidas, para não enjoarem. Mas o que é uma antologia? Uma recolha dos melhores e mais representativos textos? Então, como para uma história da literatura, o seu autor terá que antepor à sua inevitável subjetividade uma firme atitude de objetividade. Recordo-me de que uma vez o António José Saraiva não queria pôr, na sua *História da Literatura* (pequena), um certo autor com que embirrava. Lembrei-lhe que aquilo não era a sua sala de visitas. E pôs. Ainda bem, porque é um dos nossos romancistas mais "representativos". A sua falta seria hoje uma grave lacuna.

### **Uma antologia tem de observar igualmente o carácter informativo e o contexto histórico?**

Tal como uma história da literatura, deve ter um carácter informativo, que independa, o mais possível, do gosto pessoal do organizador. Na nossa sociedade cansada, inculta, confusa, as pessoas recorrem aos fazedores de opinião: aos jornais, por exemplo, para saber que livro ler, que filme ver, que pensar disto ou daquilo. Mas esses fazedores de opinião não são, em geral, isentos: usam o poder que têm para acertar contas pessoais. Quero dizer que atacam



ou ignoram os inimigos para promoverem os “amigos”, ou melhor, os “compadres”... Que amigo é outra coisa. O meu lembrado amigo Celso Cunha dizia, com o seu saboroso sotaque brasileiro: «Para os amigos, tudo! Para os outros, cumpra-se a lei».

**Será viável reabilitar o espírito de tertúlia num tempo em que toda a gente corre mesmo que seja para não chegar a lado nenhum?**

Sou militante dessa causa. Só valem a pena as reuniões com espírito de tertúlia: em que não há palco mas terreiro e todos podem intervir com a sua fala, o seu saber, a sua afetividade.

**Uma das tertúlias que promoveu chamava-se *De Viva Voz*...**

E pedia que levassem no bolso alguns dos escritores preferidos. Aqui está outro critério para uma recolha (não antologia porque, neste caso, é ditada exclusivamente pelo gosto pessoal do autor). Mas se me interessa conhecer, por exemplo, os autores de cabeceira de Eugénio de Andrade, já não sinto a mesma curiosidade em relação aos de um Senhor Qualquer, por mais títulos que tenha. Atenção: até posso respeitar uma antologia certinha que um Senhor Qualquer se aplique a fazer, com saber e isenção. Uma antologia, aliás, não deve ser feita por um oficial do mesmo ofício dos antologados, porque as rivalidades e os contenciosos são inevitáveis.

**Que pensa do volume de produção literária de todos géneros, atualmente, em Portugal?**

É bom que haja tantos livros. Portugal é o país com maior número de edições de autor de poesia e não apenas de autor. O estado de espírito que leva as pessoas a escrever poemas, sejam bons ou maus, já é qualquer coisa que vai no sentido oposto à lógica do lucro, porque implica uma relação diferente com a vida ou com o cosmos.

### **Sociedade do lucro, uma alienação total e brutal?**

Fabricada pelos viciados no lucro, pelos jogadores do neoliberalismo que nem precisam sequer de mais dinheiro para viver, que nem tempo têm para gastar o que ganham. E tão-pouco pensam, evidentemente, em resolver os grandes problemas da humanidade. Por que precisam de tantos lucros? É pelo prazer de dominar e até de humilhar. O dinheiro dá poder. E o planeta fica, entretanto, cada vez mais pobre.

### **Visão muito pessimista do futuro?**

Daqui a poucas décadas, está provado (dizem-no os cientistas), não haverá peixes no mar. Terrível! Estão a matar os mares e tantas coisas mais que se encontram em vias de extinção. Vejam-se os dramáticos problemas com a poluição, também. Os senhores que governam o mundo são completamente insensíveis. Os americanos não tomam medidas que impeçam a morte do planeta porque a sua economia sofreria com isso.

### **Americanos, os únicos poderosos? E a Alemanha, o Japão, a China?**

Mas os americanos têm a última palavra, são os donos do mundo. Estou, sem dúvida, pessimista nesse aspeto; o Planeta vai acabar. Qual será o planeta dos nossos filhos, dos nossos netos? Existem meios atômicos que podem destruí-lo num instante.

### **Não ajuda o próprio homem, todos os dias, a destruir o meio ambiente?**

Lamentavelmente. Por exemplo, não há consciência de que a água é um bem precioso que não pode desperdiçar-se, deve ser poupado e vêem-se torneiras a pingar nas escolas, nos jardins, sem ninguém se preocupar. Espantoso!

### **Faltam princípios cívicos?**

É preciso estimular uma educação cívica, contribuir para um mundo habitável. Há coisas que têm de ensinar-se na escola, na família, na comunidade desde a infância. Os homens podem adaptar-se à poluição ambiente em que vivem mas no futuro vão acabar por ser outra coisa, outra gente que será, de certeza, gente muito triste (essa faceta talvez seja para a ficção científica se ocupar dela...).

### **Portugal deveria apostar na “energia verde”, nomeadamente eólica e solar?**

No mundo apocalíptico em que vivemos apenas o que é “alternativo” aparece como saída: seja no domínio da energia, das letras ou das artes em geral. A nossa civilização faz de tudo um “produto” avaliado pelo critério da rentabilidade. Só quando estoirarem de vez com o Planeta, os que sobrarem (se alguém sobrar) se voltarão, de facto, para essas energias ditas hoje alternativas (a do vento, a do sol), mas às quais recorrerão por já não terem alternativa... Deus me não ouça!

### **Como professora universitária, acha que as reformas do ensino, no nosso país, têm procurado dar uma resposta válida aos jovens e à sociedade?**

As reformas do ensino estão a ser ditadas pelo mesmo critério com que, nas empresas, se reduzem os custos para aumentar os lucros. O critério do «rentável» torna-se, no entanto, fatal em matéria de educação. A Escola (em todos os seus níveis) é a instituição mais importante: tem que, simultaneamente, educar e cultivar. E, só depois, preparar o ser para a labuta do emprego – em que reina a lei da selva. Mal do jovem que perde a sua juventude condicionado desde sempre pela angústia de não estar a apetrechar-se convenientemente para ganhar a vida!

### **Qual a maior pecha do ensino português?**

Neste momento, a de privilegiar esse condicionamento, como acontece um pouco por toda a parte.

### **Jovens não encontram ideais?**

Gosto de conviver com os jovens. Eles possuem ideais mas os seus ideais não têm chão para medrar. Há muito individualismo. Tudo se encaminha para o modelo americano de *cada um trate de si*.

### **Para Montaigne, o homem nunca pode ser “desindividualizado”. A individualidade filosófica de Montaigne afasta-se ou aproxima-se do individualismo do terceiro milénio?**

“Desindividualizar”, segundo Montaigne, seria robotizar: uniformizar os hábitos de comer, de vestir e de pensar de cada indivíduo. O individualismo do nosso dia a dia é outra coisa: é o egoísmo do ser mal educado — lá está o problema da educação... A formação do indivíduo exige, para começar, o recolhimento do ser a sós consigo mas também o complementar movimento de sair de si, alimentado, para se dar ao outro (na relação do par) e aos outros, na relação com a sociedade. É o ir-vir da onda.

### **Apesar de a prostituição ser a mais antiga “profissão” do mundo, o tráfico humano é uma escravatura hoje em perturbadora expansão?**

Sempre o pior mal é fazer negócio com o mal. Comprar alguém é sempre escravizá-lo (tanto o que consome como o que explora).

### **Prostituição infantil, que cancro é este?**

Escravatura infantil, neste caso. Coisa de homens, repare. Já ouviu falar de mulheres pedófilas...?

### **Há sempre mundos desconhecidos...**

É um campo muito resvaladiço...

**As pessoas acabam por ser as marionetas de que fala numa peça de teatro?**

A única coisa que podem fazer as pobres marionetas que somos é tornarem-se marionetas dos seus sonhos. Sou militante do sonho e de coisas que mobilizem as pessoas. Participei num abaixo-assinado para a não extinção da RTP 2. Continuarei a militar por ideais.

**Com a guerra das audiências, a televisão pública poderá arriscar-se cada vez mais a não ser um espaço de qualidade?**

Insurjo-me furiosamente contra a questão das audiências, das tevês só fazerem o que dá grandes audiências. A comunicação social e, sobretudo, a televisão que entra na casa das pessoas todos os dias, tem de cumprir o papel que lhe compete na formação e educação. É indispensável um serviço público qualificado. Acabe-se com as guerras das audiências e com o critério das audiências que é, em si mesmo, deseducativo.

**Andamos sempre em busca do sonho impossível como transparece da sua peça *Esse Tal Alguém*, distinguida com o Prémio de Teatro da Associação Portuguesa de Escritores?**

Estar vivo é andar sempre em busca de qualquer coisa. Mal das pessoas que deixaram de buscar.

**Perdeu a utopia comunista?**

A utopia não, não perdi.

**Regimes comunistas acabaram por matar a utopia?**

Porque a utopia, quando se institucionaliza, sofre normalmente dos defeitos que os homens têm. E a utopia comunista sucumbiu a esses defeitos.

**É prima de Carlos Brito, figura marcante da esquerda comunista que, ao fim de muitos anos (com outros militantes do PCP), ousou ser uma voz divergente. Como vê o homem político e agora também escritor?**

Desde menina que me fascina a dedicação do Carlos ao seu ideal e à sua luta por um mundo mais justo, ao lado dos "humilhados e ofendidos". Hoje até os comunistas descreem da eficácia desses ideais. Temem que se perca o que do Partido Comunista resta. E apontam o exemplo do PC francês. Mas sem o ideal comunista não pode haver Partido Comunista digno desse nome. Fica o quê? Um mero espírito clubista? Admiro a coerência do Carlos, que desde jovem escolheu o caminho mais difícil. Sempre foi poeta mas pôs a sua devoção à luta política acima de tudo. Adiou-se. Só agora tem tempo para ser abandonadamente o que sempre quis ser: escritor.

**"Hoje tudo se compra até os afetos, até a vida" (do seu livro *Afectos*). Vivemos num mundo de contrabandos?**

Talvez por isso, tenho uma fé na poesia como não sinto em Deus. A poesia é qualquer coisa que não se compra e ajuda o ser a exprimir-se e a lutar contra o absurdo da existência.

**Que mais admira em Joyce, a rebeldia ou o humanismo?**

A sua complementaridade.

**Enquanto estudiosa de Fernando Pessoa, consegue entender por que teve necessidade de ser ele em tantos outros e contraditório em cada um dos seus heterónimos?**

Há muitas teorias sobre a heteronímia. A conciliação dos contrários liga-se também à alquimia. Nos textos pessoanos da *Discussão em Família*, os heterónimos conversam uns com os outros numa relação dinâmica, opondo os seus pontos de vista. Ao desdobrar-se, deseja

mostrar que não existe só uma verdade. Põe culturas em confronto, nomeadamente a pagã (com Ricardo Reis e Alberto Caeiro) e a cristã (com Álvaro de Campos). Reinventa o paganismo com a alegria que os "crististas" tinham perdido, uma espécie de terapia para o mundo doente, o mundo moderno adoecido pelo cristianismo, como ele diz.

**Apesar da sua rebelião contra a Igreja de Roma, não deixou de ser um "cristista"...**

Assumidamente "cristista". Com os seus pagãos Ricardo Reis e Alberto Caeiro aplica uma terapia especialmente a si próprio.

**Alertou, ao mesmo tempo, para o perigo da "internacional finança". Visionário, mais uma vez?**

É verdade. E disse-o nos anos vinte!

**Não escapou a algumas críticas que pretendiam encontrar-lhe simpatias por Salazar...**

Nunca teve simpatia por Salazar, considerou-o sempre déspota. Pessoa era um livre pensador. Combateu o fanatismo, a intolerância e a tirania. Dizia-se um liberal à maneira inglesa. Combateu dogmas e todos os totalitarismos que viu germinar. Interveio na vida cultural e na vida política do seu tempo, não sei se o fez sempre da melhor maneira, mas esse é outro aspeto.

**Pessoa viveu a infância e adolescência na África do Sul. Esse período fê-lo despertar para horizontes cosmopolitas?**

Esteve anos fora do País e mitificava Portugal à distância. Ao regressar de Durban, admirou figuras como o nacionalista Pascoaes e ligou-se depois a Mário de Sá-Carneiro, um cosmopolita sabedor das vivências culturais europeias, na época com grande palco em Paris. Em contacto com ele, tornou-se um "nacionalista cosmopolita", segundo a sua própria expressão.

### **Alguma vez se imaginou casada com ele?**

Nunca. Ofélia, a namorada de Pessoa, queria casar-se. Nas cartas que lhe escrevia, procurava dissuadi-la: *A Ofelinha se calhar não vai adaptar-se à minha vida porque eu durmo sempre com um lápis à cabeceira, acordo durante a noite para tomar notas.* Admitia que a vida de pensamento, que era a sua, talvez não se ajustasse ao casamento. Chegou a procurar casa em Cascais e um modo de sobrevivência regular, porventura pensou em casar-se mas nunca teve dinheiro para isso. Foi um sonhador a braços com a necessidade de ter um ganha-pão.

### **Identifica-se com o espiritismo que ocupava o pensamento pessoano?**

Entregava-se, na sua escrita, a experiências esotéricas de uma forma lúdica. Era um conhecedor do esoterismo, eu não. O homem foi sempre seduzido pelo desconhecido. Nessa medida, também o sou. É um disparate rejeitar linearmente fenómenos do oculto, mas não faço escrita mediúnica. Sou dotada para o pêndulo, acho graça, no entanto não tenho fezada especial nisso.

### **Sente-se melhor acompanhada por mortos do que por vivos?**

Os mortos que nos visitam são os nossos mortos diretos. A partir de uma etapa da vida, passamos a sentar à nossa mesa mais mortos do que vivos. A relação com os nossos mortos é todavia diferente da que se tem com os vivos.

### **Nunca morreu de amores pelo Pessoa da *Mensagem*...**

Talvez por corresponder a um livro de "recado patriótico", mesmo sendo um recado do próprio autor com o qual pretende acordar os portugueses para o império da língua e da cultura portuguesas; do ponto de vista da ideia, acho-a admirável, mas a poesia permanece



exterior, não significando que seja má, porém não me toca especialmente. A meu ver, Pessoa é mais universal pela poesia de Álvaro de Campos e não tanto devido à *Mensagem*. Na escola, tal como os *Lusíadas* fizeram apagar as maravilhosas líricas de Camões, também a *Mensagem* esconde a outra poesia de Pessoa, muito mais importante e que urge conhecer.

### **Não gosta dos épicos?**

Nada tenho contra o épico. Gosto, por exemplo, de Manuel Alegre, um épico contemporâneo que dá voz ao que todos nós somos.

### **Interrogou-se alguma vez se o autor do *Livro do Desassossego* teria conflitos em relação à sexualidade? Haveria nele uma homossexualidade não assumida?**

Se tivesse elementos para dizer que Pessoa era homossexual fá-lo-ia e não me chocaria nada. As provas que temos reportam-se à relação com Ofélia; em 1917 andava desesperadamente à procura de uma mulher. Nas suas experiências de escrita mediúnica interrogava os espíritos e pedia «uma mulher que fizesse de mim um homem», no sentido sexual do termo. Uma vez, um espírito anunciou-lhe uma Olga. Dois anos depois, ao encontrar Ofélia, pensou na letra O e talvez julgasse que o espírito se enganara...

### **Encontram-se as sociedades melhor preparadas, hoje, para respeitarem a homossexualidade, o direito à diferença?**

A rejeição da diferença tem que ver com a crença, que é sempre religiosa porque não se submete à razão. O crente acha que detém a verdade — e em nome dela está investido do direito e, mesmo, do dever de rejeitar, denunciar e até matar o ser diferente. Só nas sociedades laicas pode ter lugar a necessária educação (a todos os níveis) que faz um ser aceitar outro ser que tenha uma cor diferente

(cutânea, ideológica, sexual). Só uma educação laica pode pugnar por essa aceitação.

### **Que faz a Igreja Católica ao proibir o uso do preservativo num planeta onde a sida alastra?**

As razões da Igreja são coerentes dentro da sua crença. É a tal coerência das crenças de que fujo como o Diabo da cruz!

### **Sendo igualmente uma investigadora de Miguel Torga não lhe interessou muito a obra do autor de *Bichos*?**

Torga deixou uma obra acabada. Pessoa morreu e a sua obra estava quase toda por publicar. Estudar os seus textos é uma constante descoberta, até pelas diferentes facetas da sua personalidade e da sua escrita. É um caso em que o investigador acaba, em certa medida, por ser coautor.

### **No seu livro *A Nova Descoberta de Timor* pede a Fernando Pessoa para reescrever a *Mensagem*. Timor sensibiliza-a mais do que África?**

Todos nós vivemos em direto a luta do povo de Timor pelo direito à sua identidade. Como uma ilha que é, e ainda por cima só metade, foi uma luta com unidade de lugar (como nas tragédias clássicas): nós vibrámos com o que se passava num palco que a TV nos dava a impressão de abarcar. E também houve uma unidade de tempo: esse livro é apenas um diário que escrevi seguindo o dia a dia dos acontecimentos.

### **Povos africanos são menos mediatizados...**

Também me atinge tudo o que se passa em África, sobretudo a de língua portuguesa. Faço minha a repisadíssima afirmação de Pessoa, e sinto-me concidadã de todos os que falam a língua portuguesa. Vivi três meses em Cabo Verde, já estive em Maputo e preciso de ir

regularmente ao Brasil. Leio com regalo os escritores que, nessas paragens, enriquecem e rejuvenescem a língua-mãtria. Nunca falo mal de Portugal porque seria denegrir a minha língua bem-amada.

### **Está a perder-se, apesar de tudo, o “império” da língua portuguesa?**

Antes de Pessoa já outros como Junqueiro disseram: «a pátria é a língua portuguesa». E não temos outra forma de expansão. Espero que os dirigentes ganhem essa consciência e percebam que não há tempo a perder; está em causa o futuro dessa pátria cultural.

### **Guarda muita da sua escrita, inclusive contos. Não gosta de publicar?**

Não escrevo para publicar. Um dos males da sociedade em que se vive é o das pessoas quererem estar sempre no palco. Preciso de escrever para me despir, para me acertar comigo mesma. Publicar é outra coisa. E só me sinto bem a publicar se achar que consigo comunicar com os outros. Importa ter o vagar de ser.

### **Ainda brinca com os seus bonecos?**

A escrita criativa é uma forma de brincar com as palavras. E ainda gosto de brincar com pedrinhas; venho da praia carregada de conchas. Brinco com os meus netos. Sou uma grande cúmplice deles, que me tratam de igual para igual.

### **Quem é o deus da sua eterna infância?**

Se calhar não é um deus só. O poder detido por um único alguém será, sempre, despótico. Prefiro imaginar um equilíbrio cósmico, mas os homens comprometeram de tal forma esse equilíbrio que todos os dias pagamos o preço disso. Não posso crer que haja um deus responsável por tudo o que de terrível e absurdo se passa na terra e

em cada um de nós. Se fosse assim, teria de odiar mais esse deus do que amá-lo.

### **Tirantias também existem no cosmos...**

Precisamente devido ao desequilíbrio criado pelos homens.

### **Num mundo de absurdos sente-se mais formiga ou pássaro?**

Devo ser mais pássaro do que formiga. Mas os meus amigos astrólogos dizem-me que a minha sorte foi ter nascido em 12 de Setembro, ser do elemento Terra, com os pés fincados no chão.

### **Ser errante, às vezes procurando meios de subsistência, nunca achou que teria, afinal, uma costela de pássaro e outra de formiga?**

Valeu-me também esse meu lado de formiga, o tal elemento terra que me faz olhar e enfrentar o real sem perder, contudo, o sonho. Gosto muito de me alimentar das águas.

### **O tom de esmeralda dos seus olhos dá-se bem com o elemento terra do seu mapa astrológico?**

Preciso de ter à frente dos olhos um horizonte de água (por isso trabalho numa exígua marquise do meu 10º andar), contudo tenho de pisar, também, chão de terra à solta e respirar ao compasso das folhas. Talvez por isso atravanco a casa de plantas de muitas espécies. Preciso desse ir e vir entre terra e mar.

### **Que livro lhe agradaria ver adaptado à sétima arte?**

Tenho escrito textos que gostaria de ver em cinema. Mas nunca os mostrei a ninguém. Jazem numa imensa gaveta a que vou acrescentando todos os dias qualquer coisa... Vão de lá saindo os de teatro porque me têm pedido. Não sou de andar com os meus textos a bater nos ombros de ninguém, "oh tio, oh tio".

**“Com o tempo a gente habitua-se a conviver / com os seus desgostos”, lemos na sua poesia. Qualquer dor que hoje a possa tocar não a surpreende?**

As dores surpreendem sempre. E doem sempre muito.

**As decepções doem, por vezes, mais do que as perdas. Já sofreu grandes decepções?**

Grandes, não. Tive no entanto algumas e tudo nos deixa cicatrizes. A nossa vida vai sendo construída igualmente com cicatrizes. Tal como o húmus se faz a partir das raízes e das folhas que apodrecem. Os nossos desgostos, se resistirmos a eles, também nos vão adubando e tornando mais ricos. Os meus desgostos ajudaram-me a ser mais compreensiva; dão-me a consciência do pobre bicho que somos, esse “animal aflito” como disse Gedeão.

**Idosos, os grandes esquecidos pelo mundo da modernidade?**

Sem dúvida. Os velhos tinham um papel no seio da família e da sociedade. Eram ouvidos. Agora são apenas tolerados, quando são. E, porque ninguém os quer ouvir, a maior parte deles deixa de ter que dizer. Para uma sociedade que preza a ambição, a combatividade, a eficácia, os velhos são demasiado vagarosos. Vão ser o grande problema do futuro, com as pessoas a viver mais uns 30 anos para além da reforma. Um mundo melhor (virá?) passa pelo convívio das diferentes gerações. E por uma vida em que haja mais “vagar de ser”.

**Envelhecimento, uma aflição?**

Começamos por senti-lo como uma injustiça. Até dado momento, nunca tinha compreendido o que era envelhecer. Mas é inevitável que se arranje um trato com o nosso próprio envelhecimento. E não se

pense que a vida, em particular a das mulheres, fica arrumada depois dos 50. A sedução pode continuar a existir na vivacidade interior.

### **Que relação tem com a malícia do tempo?**

Tenho as minhas depressões, porém devo ter herdado da minha mãe o rompante para não ficar submersa. O único antídoto contra o envelhecimento é manter vivo o motor interior, a criatividade.

### **Pego no livro *A Fímbria da Fala* e lanço-lhe versos seus:**

***A cada amor sua dor***

#### **O amor condenado a não ser alegria?**

Todo o dia tem a sua noite.

***A cada fome seu fruto***

#### **Que paraísos saberá o homem ainda inventar?**

O pior espectro é o da ausência da tal “fome específica” que projeta o ser para além da elementaridade dos seus instintos.

***Respirar / a casa / desafogada / de gente***

#### **Casa, o corpo mais fiel?**

A casa é mãe: acolhe sem se impor.

***Ah! Quando / virá / o vagar / de ser***

#### **O sonho precisa de um tempo novo?**

O ser precisa de vagar para ser quem é.

***Não esperava por ela / Abro-lhe o peito / Já ganhei a noite***

#### **Que atração é a sua pela lua cheia?**

A lua conduz-me ao encontro comigo.

***A Fímbria da Fala***

#### **A palavra mínima contém a imensidão do despojamento?**

Fazemos coisas demais, comemos e falamos demasiado. Temos demasiadas coisas, até demasiados livros. Ter distrai de ser. Apetece-me, às vezes, tocar a "fímbria da fala", despojada, leve e fugidia como a orla do mar. Mas também, outras vezes, gosto de me abandonar ao dizer caudaloso que acompanha algumas emoções. É sempre o tal ir-vir da onda.

### **O homem é maior do que homem, como advoga Pascal?**

Há energias que nos habitam e não conseguimos identificá-las. Quantas vezes nos questionamos: onde arranjo forças para aguentar tudo isto?

### **Que poema lhe falta escrever?**

Mal de quem escrever, conscientemente, um último poema! Até Álvaro de Campos, a quem Pessoa encomendou um poema derradeiro para fechar o livro da sua vida, desobedeceu e se foi manifestando durante mais uns meses, esses que Pessoa ainda viveu...

### **Quais dos seus poemas gostaria que lhe sobrevivessem?**

Gostava que me sobrevivessem os poemas que as pessoas tivessem recebido e incorporado como seus, mesmo sem se lembrarem do nome do autor.